

## Uma discussão sobre a origem do Integralismo: uma análise sobre o *Manifesto de outubro*

A discussion on the origin of Integralism: an analysis of the *Manifesto de Outubro*

Sérgio SCHARGEL\*

**Resumo:** Muito se tem discutido e comparado o Bolsonarismo a movimentos fascistas do passado, como o Fascismo ou mesmo o Nazismo. Entretanto, pouco se tem discutido sobre o Integralismo, movimento análogo ao Fascismo que foi parcialmente absorvido em suas versões contemporâneas pelo Bolsonarismo. O objetivo deste artigo é, por meio de um exercício de análise de conteúdo sobre o material fundador do Integralismo, o *Manifesto de outubro*, em diálogo com uma base teórica sobre Integralismo da qual se destaca *O fascismo em camisas verdes*, perceber as construções retóricas, discursivas e argumentativas de Plínio Salgado e suas proximidades e diferenças com o Fascismo e com o Bolsonarismo. Com a justificativa de ampliar o estado da arte dos estudos sobre movimentos de matriz fascista, este trabalho se propõe a responder a seguinte pergunta: quais os pontos de consenso e dissenso discursivos, a partir do *Manifesto de outubro*, com outros movimentos similares?

**Palavras-chave:** Integralismo; Fascismo; *Manifesto de outubro*; Bolsonarismo; Plínio Salgado.

**Abstract:** Much has been discussed and compared regarding Bolsonarism to fascist movements of the past, such as Fascism or even Nazism. However, little has been discussed about Integralism, a movement analogous to Fascism that was partially absorbed in its contemporary versions by Bolsonarism. The objective of this article is, through a hermeneutic exercise and close-reading on the founding material of Integralism, the *Manifesto de outubro*, in dialogue with a theoretical basis on Integralism, from which *Fascismo em camisas verdes* stands out, to understand the rhetorical constructions, discursive and argumentative aspects of Plínio Salgado and their proximities and differences with Fascism and Bolsonarism. With the justification of expanding the state of the art of studies on movements with a fascist matrix, this work proposes to answer the following question: what are the points of discursive consent and dissent, from the *Manifesto de outubro*, with other similar movements?

**Keywords:** Integralism; Fascism; *Manifesto de outubro*; Bolsonarism; Plínio Salgado.

Recibido: 24 de mayo de 2024

Aceptado: 5 de diciembre de 2024

---

\* Brasileiro. Doutorando em Ciência Política pela UFF. Professor da Universidade Federal de São João del-Rei. Mestre em Letras pela PUC-Rio, mestre em Ciência Política pela Unirio. ORCID: 0000-0001-5392-693X. E-mail: <sergioschargel\_maia@hotmail.com>

Se ser fascista é defender a Pátria, se é evitar que ela caia na maior escravidão do mundo, então todos os homens de bem serão fascistas (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 1961, p. 15).

## Introdução

Por mais que posteriormente fosse tentar se afastar do Fascismo, o fato é que a *Ação Integralista Brasileira* surgiu abertamente inspirada por ele — e por outros movimentos de matriz semelhante, como o Integralismo lusitano (Gonçalves, 2013). Plínio Salgado o cria dois anos após uma viagem à Europa em que tem uma audiência com Benito Mussolini, em meados de 1930 (Gonçalves; Neto, 2020: 09). Como grande parte dos líderes da época, inclusive alguns que depois viriam a se opor ao Fascismo, como Winston Churchill (Riemen, 2020), Salgado creditava a Mussolini uma nova forma de fazer política, cedendo-o uma genialidade revolucionária, “o profeta do mundo contemporâneo” (Gonçalves; Neto, 2020: 09). Também como grande parte dos líderes políticos da época, importaria e adaptaria os métodos de Mussolini — que, bem lembrar, também as importou em parte de D’Annunzio —, como a indumentária, o símbolo e o nome, todos com significados análogos. Para além dos métodos políticos, Salgado também compartilhava com Mussolini as profissões: ambos eram jornalistas e literatos.

Marilena Chaui (2014: 52-53), ao analisar os fatores que contribuíram para a disseminação do Integralismo no Brasil, identifica sua força principal na classe média, segmento que também seria crucial para o sucesso do Fascismo na Itália. A autora argumenta que, nesses contextos, a pequena burguesia foi convencida a aceitar a retórica de uma escolha binária entre um fascismo concreto e um comunismo imaginário. Essa estratégia, que transformava o medo em motor político, foi essencial para mobilizar essa parcela da população. Em diálogo com as ideias de Trindade (1974), Chaui ressalta que o Brasil apresentava uma configuração distinta da Itália, especialmente no que se refere às condições econômicas e sociais dessa classe.

Nesse sentido, tanto o jornalismo quanto a literatura foram fundamentais para ambos os líderes. Se foi através do jornalismo que Mussolini deu início ao Fascismo, com a criação do *Il Popolo D’Italia* após a sua expulsão do PSI, foi pela literatura que Salgado começou a alimentar o seu nacionalismo. Da mesma forma, uma parcela das vanguardas artísticas foi cooptada por ambos os movimentos, o Futurismo, na Itália, o Modernismo, no Brasil. De reconhecimento literário, tendo sido membro da Academia Paulista de Letras, a prosa nacionalista e ufanista de Salgado encontrou seu espaço na Semana de 22, casando com as pretensões modernistas de ruptura artística com os padrões europeus e criação de uma arte genuinamente brasileira. Chega a fundar, junto a outros intelectuais, um movimento artístico que pode ser pensado como o embrião do Integralismo: o Movimento Verde-Amarelo, uma resposta à antropofagia de Oswald de Andrade, vista como contaminada por traços europeus (Gonçalves; Neto, 2020: 11). Por mais que tenha fundado um movimento inspirado diretamente em um paralelo europeu, Salgado defendia uma noção de brasileiridade independente de influências estrangeiras.

Os jornais, aliás, desempenhavam papel fundamental nas diversas manifestações fascistas que se espalhavam pelo planeta. Conforme João Fábio Bertonha (2017, p. 12), a imprensa atuava na divulgação dos ideais desse novo modo de fazer política, não apenas no âmbito interno, mas também em uma perspectiva global. Ela ajudava a estabelecer uma rede de intercâmbio de ideias, dando a sensação “de

uma luta global, travada por companheiros espalhados por todos os países ocidentais” (Bertonha, 2017, p. 12). Apesar de profundamente pautados no nacionalismo, portanto, os fascismos promoviam forte contato transnacional. É preciso, para compreender o Integralismo, olhar também para o Fascismo de Mussolini.

Quando do encontro de Salgado com Mussolini, o Brasil vivia o ápice da Revolução de 1930. Salgado, na época, se colocava contra Getúlio Vargas e sua Aliança Liberal, seu futuro algoz (Gonçalves; Neto, 2020: 10). Todavia, sua viagem era financiada pelo banqueiro Alfredo Egídio de Sousa Aranha, primo do diplomata e político Osvaldo de Sousa Aranha, que viria a ser braço direito de Vargas. Nesta época, Salgado era deputado estadual pelo Partido Republicano Paulista (PRP).

Da viagem, não esconde suas impressões positivas com o cenário político italiano e com Mussolini, reencarnando o mesmo argumento do *Duce* sobre a substituição de luta de classes por luta de nações (Gonçalves; Neto, 2020: 11). Também da mesma forma que Mussolini, atribuía a liderança e a construção dessa nação idealizada a uma elite, um grupo seletivo encarregado de resgatar o país da degeneração e liderados, como não poderia deixar de ser, por ele próprio. Mas, diferente de Mussolini, há em Salgado uma nítida pretensão intelectual, um “apelo à participação dos intelectuais na política” (Gonçalves; Neto, 2020: 11). Se em Mussolini os intelectuais eram vistos como efeminados, Salgado desloca a eles um papel fundamental no resgate da nação: “É preciso que nós, intelectuais, tomemos conta do Brasil. Definitivamente. Temos de romper com a tradição medíocre da política. Estamos fartos de vivermos, nós, intelectuais, à sombra dos poderosos. Queremos mandar” (apud Gonçalves; Neto, 2020: 11). Um apelo a um intelectualismo estranho ao Fascismo, que se dedicava a explorar mais o imaginário da violência da Guerra<sup>1</sup>. Em comum, o discurso antidemocrático que enxerga a democracia (e seus sanguessugas, o liberalismo e o comunismo) como corruptora do ideal de nação<sup>2</sup>.

O apelo de Salgado ao ideal de nação não seria, claro, exclusivo do *Manifesto de outubro*, mas uma constante em seus diversos materiais. Em seu discurso de candidatura em 1937, por exemplo, Plínio Salgado dedica uma seção inteira à bandeira do Brasil, um tema que, à primeira vista, pode parecer trivial, mas que revela aspectos fundamentais do pensamento integralista e de sua relação com símbolos nacionais. Salgado responde às críticas que acusavam o Integralismo de enfatizar exclusivamente o verde em detrimento das outras cores da bandeira brasileira. Ele defende que, embora o verde seja preponderante, ele está em harmonia com as demais cores e reflete o sentimento essencial da brasilidade. Para ele, o verde simboliza "o sentimento profundo da terra do Brasil, na sua juventude, eterna primavera" (SALGADO, 1950, p. 46). Essa visão não é meramente estética, mas profundamente política, conectando o nacionalismo integralista a uma noção de renovação e perpetuidade.

O intelectualismo de Salgado, porém, é localizado. Ainda que ele diga no *Manifesto de outubro* que os intelectuais devem ser a elite responsável por engrandecer o nacional, é evidente a que grupo ele se refere. Ainda que apele a intelectuais nacionalistas, Salgado é tão anti-intelectual quanto Mussolini em relação aos demais. Na prática, apesar da pretensa valorização da intelectualidade em seu manifesto, Salgado não fez mais do que prosseguir com a tradição fascista de limitar a reflexão em seu movimento sobre um fenômeno de negação, rejeição e acusação de todo pensamento que foge do nacionalismo. Rejeita,

---

<sup>1</sup> Como dito por autores como Paxton (2007) e Eco (2018), o fascismo tende a explorar o imaginário de sua época e lugar. A Itália acabava de sair da Guerra, quando da fundação do Fascio. O Brasil em 1930 não tinha uma preocupação bélica neste nível. Por outro lado, vinha de um efervescente crescimento intelectual e artístico, um motivo pelo qual pode explicar, parcialmente, o apelo ao intelectualismo. Miguel Reale e Gustavo Barroso, por exemplo, tiveram ampla atuação intelectual antes e depois do movimento. Enquanto o primeiro foi reitor da Universidade de São Paulo (USP), o segundo fundou o Museu Histórico Nacional e foi presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL).

<sup>2</sup> Contam Gonçalves e Neto (2020: 37) que a obsessão do Integralismo com a grandeza da nação chegava ao ponto do movimento se recusar a cantar o trecho do hino brasileiro “deitado em berço esplêndido”, pois uma nação verdadeiramente grandiosa não poderia se deitar, mas deveria estar sempre em pé, pronta à luta.

portanto, o dissenso que não é apenas base da democracia agonística, mas, tanto mais, da própria criação intelectual, artística ou científica (Eco, 2018: 49).

O mesmo Alfredo Aranha iria, após o retorno de Salgado, financiar o seu jornal *A Razão*. O jornal pode ser pensado como o início de um protointegralismo, pois, ainda que o Integralismo se inicie de fato com o *Manifesto de outubro*, foi a partir do jornal que Salgado formou outro grupo, a Sociedade de Estudos Políticos (SEP), voltado, assim como o Movimento Verde-Amarelo, à disseminação dos ideais nacionalistas. Como Leandro Gonçalves e Odilon Neto (2020: 13) apontam, já estavam em gestação, na época, outras organizações inspiradas no Fascismo italiano no Brasil, como o Partido Nacional Fascista e o Partido Nacional Sindicalista. Posteriormente o Integralismo viria a absorver grande parte delas. A Ação Integralista Brasileira (AIB) surge de uma reunião da SEP no início de 1932, quando Salgado propõe “a criação de uma entidade política” (Gonçalves; Neto, 2020: 14).

Por mais marcante que tenha sido o encontro com Mussolini, bem como o contato com outros movimentos nacionalistas europeus, Salgado afirmava que o Integralismo era fruto de sua genialidade independente (Gonçalves; Neto, 2020: 12). Defendia que o nacionalismo brasileiro não poderia ser contaminado pelo estrangeiro, mas sim uma corrente autônoma. Como se houvesse surgido do vácuo, sem qualquer tipo de influência. Um discurso que não corresponde aos fatos. Para além do prestígio do Fascismo sobre o Integralismo, Salgado também se relacionava com outros movimentos nacionalistas e reacionários análogos, como o Integralismo português e a *Action Française* (Gonçalves; Neto, 2020: 12). Salgado iria transitar ao longo de sua trajetória entre aproximações declaradas com o Fascismo e tentativas de distanciamento — essa última especialmente após a Segunda Guerra, por razões óbvias. No início, a aproximação era mais explícita, em particular porque Mussolini financiou o Integralismo, “pois enxergava no movimento brasileiro uma possibilidade de expansão política e doutrinária nas Américas” (Gonçalves; Neto, 2020: 12). Da mesma forma, mais para o final da década, fazia-se clara a aproximação de outro líder do Integralismo, Gustavo Barroso (comandante-geral das milícias), com o Nazismo. Barroso se juntou ao Integralismo entre o final de 1932 e o início de 1933, mais ou menos na mesma época que o outro líder, Miguel Reale, e chegou a traduzir para o português o *Protocolo dos Sábios de Sião*, documento falso que serviu como tentativa de legitimar o Holocausto. Em outra obra, *Judaísmo, maçonaria e comunismo*, Barroso relaciona os três e os coloca como responsáveis pela precariedade econômica brasileira.

### O início: *Manifesto de outubro*

Se o dia 23 de março de 1919 marca a fundação do Fasci di Combattimento, o Integralismo também tem uma efeméride para chamar de sua: 07 de outubro de 1932. No mesmo ano da publicação tardia da *Doutrina do Fascismo*, com os ânimos ainda tensos pela Revolução Constitucionalista, o Integralismo lançou sua própria doutrina: o *Manifesto de outubro*. Escrito pelo próprio Salgado, o manifesto foi lançado em um evento no Teatro Municipal de São Paulo. Contou com ampla repercussão, tendo uma tiragem inicial de 20 mil exemplares (Gonçalves; Neto, 2020: 14).

Diferente do Fascismo, o Integralismo surge praticamente definido com um norte programático — o que se refletiria em suas mudanças ideológicas posteriores que, ainda que existentes, foram mais sutis do que as de Mussolini. Não aparece, portanto, como ideias difusas, mas como um movimento estruturado em torno de uma noção clara e abertamente inspirado no Fascismo, ao menos em seu início. Da mesma forma que Mussolini, Salgado destila em seu partido um sentimento antipolítico, antissistema, amalgamado no extremo nacionalismo, personalismo e apelo claro à figura do líder supremo, do Messias. A palavra que aparece com mais frequência, distribuída pelos dez pontos programáticos, como não poderia deixar de ser, é “nação”, seguida por “Brasil”.



Em consonância com a *Doutrina do Fascismo*, há o sentimento de urgência por todo o manifesto. A sensação de que uma grande catástrofe, uma hecatombe acometerá a nação caso algo não seja feito. Uma nação capturada por uma elite corrupta e degenerada, destituída de legitimidade política. O Integralismo se coloca não somente como mensageiro do apocalipse, mas também como o Messias capaz de retornar o Brasil à grandeza. Para isso, Salgado se dirige nominalmente, ao abrir, a três grupos: ao proletariado, aos intelectuais e aos funcionários do aparato da violência estatal, policiais e soldados.

O fascismo absorve características conforme se dissemina para nações e tempos distintos. Ele acentua traços dos povos em que aparece. Na Itália, surge anticlerical, mas logo, por conveniência, se aproxima da Igreja Católica. Em um país com forte religiosidade como o Brasil, maior nação católica do mundo, é natural que a religião desempenhe papel fundamental em sua expressão. Da mesma forma que o neopentecostalismo assume função primordial para o Bolsonarismo, dado o crescimento dessas vertentes, o catolicismo, religião histórica do país, era peça-chave para o Integralismo (ainda que ele também tivesse, em seus quadros, grupos protestantes e espíritas). Posteriormente, inclusive, lideranças católicas viriam a apoiar candidatos Integralistas e alguns seriam conhecidos por “batinas-verdes” (Gonçalves; Neto, 2020: 19-20). Assim, nada mais espontâneo do que Salgado começar o *Manifesto de outubro* tratando da importância de Deus à sua visão.

O *Manifesto de outubro* começa de forma quase mística, abrindo com “Concepção do universo e do homem” (Salgado, 1950: 07). Para ele, o homem deve estar em permanente aperfeiçoamento de suas qualidades, sejam elas laborais ou intelectuais. Sendo a nação formada por essa soma coletiva, o aprimoramento moral, intelectual e físico dos indivíduos imprime o aperfeiçoamento nacional. Nesse sentido, é sintomático do catolicismo de Salgado — em oposição ao Bolsonarismo e seu discurso libertário/evangélico da teologia da prosperidade — a teologia do sofrimento e a ojeriza, ao menos no plano discursivo, a bens materiais. Pois assume que o materialismo esvazia o ser humano e, por consequência, a nação, sendo sua principal fonte de degeneração (Salgado, 1950: 07). O materialismo, ademais, seria o ponto de união entre os dois parasitas: liberalismo e comunismo (Gonçalves; Neto, 2020: 18). Em *O integralismo na vida brasileira*, Salgado vai além, ao afirmar que “o comunismo é apenas um desdobramento do capitalismo” (Salgado, s.d.: 31). O homem deve viver para se aprimorar constantemente, mas não voltado para a riqueza monetária. Uma aproximação teórica com Mussolini — apesar do viés intelectualista estranho a este segundo — considerando a ênfase que o italiano colocava sobre os valores bélicos, sacrificais e suicidas, sobre o que enxergava como materialismo degenerado. Da mesma forma que Mussolini classifica o homem sob princípios de liberdade e igualdade como próximo do animalesco, Salgado (1933: 15), em *O que é o Integralismo*, fala que quando absorto por essas convicções, o homem “se torna um ser miserável, sem capacidade de respeitar coisa alguma, a não ser o seu próprio orgulho ridículo, a sua vaidade fútil e os impulsos de seus instintos dissociativos” (Salgado, 1933: 15-16). Um homem animalesco, dividido, um homem que “perde o senso de obediência ao Eterno” (Salgado, 1933: 16), forma Estados e nações igualmente fragilizados e divididos. O materialismo é, em suas duas vertentes, o maior inimigo do Estado integral.

Chama atenção, logo após, outra consonância importante com Mussolini: o discurso de conciliação interclasses: “Os homens e as classes, pois, podem e devem viver em harmonia. É possível ao mais modesto operário galgar uma elevada posição financeira ou intelectual”. Da mesma forma que o *Duce*, Salgado (1950: 07), prega que a nação está acima de individualismos classistas mesquinhos, e que a luta de classes — termo que aparece no topo, repetido em dezesseis oportunidades — emprega um desfavor à

construção da integridade nacional. O lema do Integralismo, à vista disso, é igualmente revelador: Deus, pátria e família<sup>3</sup>. Leandro Gonçalves e Odilon Neto lembram que

O documento foi aberto com a expressão “Deus dirige o destino dos povos”, o que deixava clara a importância da questão religiosa e espiritualista do discurso no imaginário Integralista, assim como o caráter messiânico estabelecido no movimento em torno da imagem de Plínio Salgado, visto como um profeta (Gonçalves; Neto, 2020: 15).

No ponto seguinte, sem dúvida um dos mais importantes, Salgado detalha como o Integralismo percebe o seu ideal de Brasil. Uma visão que está resumida no próprio nome do movimento. Se o corporativismo de Mussolini evoca a imagem de um corpo único, dos diferentes setores sociais cooperando na conciliação de classes que se coaduna em uma massa uniforme; ou, da mesma forma, se o nome que Mussolini deu ao seu movimento evidenciou sua função, como discutido antes, Salgado vai além. A noção de Fascismo já implica em união, no machado unido por ligas, os vários pequenos que fazem a fusão da força. O Integralismo trabalha com uma imagem semelhante: a noção de Estado integral (Gonçalves; Neto, 2020: 15). A unificação em um corpo homogêneo, a soma de infinitas partes que formam o uno, da qual decorre a letra grega sigma, símbolo matemático para soma. Da mesma forma, a indumentária, o equivalente brasileiro aos camisas negras italianos, camisas azuis espanhóis ou camisas marrons alemães, empregava cores tipicamente associadas ao imaginário nacionalista<sup>4</sup>. O uniforme corroborava a ideia de unificação sob um mesmo corpo, uma massa idêntica. O individualismo é absolutamente rechaçado, portanto, dado sua identificação com o ideário liberal. Ou, como diz o próprio idealizador:

O sinal que adotamos [...] Quer dizer que a nossa preocupação é somar tudo, considerar tudo nem nos perdendo na esfera exclusivista da metafísica, nem nos deixando arrastar pela unilateralidade do materialismo (Salgado, 1933: 16).

A ideia de muitas somas formarem o uno se faz presente logo no início de sua proposta à nação, quando afirma que “A nação Brasileira deve ser organizada, una, indivisível, forte, poderosa, rica, próspera e feliz. Para isso precisamos de que todos os brasileiros estejam unidos” (Salgado, 1950: 08). Tanto para Salgado quanto para Mussolini, a nação transcende configurações mesquinhas como luta de classes. Como diz logo

<sup>3</sup> Não por coincidência reciclado pelo Bolsonarismo, posteriormente.

<sup>4</sup> Se a indumentária, nome e estrutura do movimento traziam para o imaginário brasileiro uma inspiração clara em Mussolini, isso fica ainda mais evidente na saudação ser praticamente idêntica à saudação romana. Apesar do “Anauê” revelar traço de um nacionalismo tipicamente brasileiro, bem como de um reacionarismo — próximo do imaginário romântico ou mesmo, em dada medida, modernista — de valorização do indianismo, a saudação Integralista era ainda menos original (Gonçalves; Neto, 2020: 19). A valorização idílica do nativo brasileiro, misturado a um nacionalismo extremado, gerou uma rejeição pontual de aspectos identificados com estrangeirismos como, por exemplo, a figura do Papai Noel. Nas noites de natal, contam Gonçalves e Neto (2020: 39), as crianças Integralistas recebiam seus presentes (entre eles, produtos e objetos do cotidiano feitos com os símbolos do Integralismo) não do Papai Noel, identificado com o imperialismo estadunidense, mas do “Vovô Índio”. O personagem visitava escolas trazendo presentes, e chegou a ser protagonista de uma peça em que encontrava o seu equivalente “imperialista” (Veiga, 2021). Apesar de não ter sido criado por Integralistas, o personagem foi apropriado pelo nacionalismo tanto Integralista quanto do Estado Novo. Ao que tudo indica, e vale lembrar, o Vovô Índio foi fruto da preocupação comum entre os dois movimentos em reforçar não apenas uma identidade nacional — da qual decorrem mitos como o da democracia racial, do brasileiro como miscigenação pacífica entre três raças —, mas em criar um passado mítico e heróico, o que acabou por elevar a uma categoria mitológica personagens como Tiradentes. A ficção política, como de praxe, satiriza o real: mostrando que o ataque de nacionalismos extremos a pequenas instituições culturais estrangeiras é comum, em *Ele está de volta* o Hitler ficcional ataca o mesmo Papai Noel, que, segundo ele, “ganhou uma importância desproporcional, sem dúvida, em consequência da infiltração cultural anglo-americana” (Vermes, 2014: 297).

em seguida, a divisão por meio da luta de classes fragiliza a integralidade nacional, exacerba o individualismo, ou o que ele chama de “estados dentro dos estados [...] indivíduos isolados, exercendo ação pessoal nas decisões do governo” (Salgado, 1950: 08). Em uma manobra, então, o individualismo liberal se associa com a luta de classes tipicamente marxista. Uma nação dividida por interesses pessoais diversos é uma nação dividida e enfraquecida.

Apesar do nome, o próprio Integralismo estava longe de ser integral dentro de si. Havia cisões consideráveis dentro de seus quadros, inclusive entre os seus líderes<sup>5</sup>. Com o passar dos anos, por exemplo, fica claro que se a ideologia, programa e doutrina de Salgado eram mais próximas da de Mussolini, Gustavo Barroso se inspirava mais em Hitler. Não que Plínio Salgado<sup>6</sup> e Miguel Reale não tivessem traços de antissemitismo, mas as vinculações antissemitas eram muito mais fortes em Barroso, ao ponto dele ter traduzido para o português o *Protocolo dos Sábios de Sião* — documento falso que contava de uma suposta conspiração de dominação mundial judaica e acabou sendo utilizado como justificativa para o Holocausto. Enquanto Reale e Salgado voltavam suas atenções para o materialismo liberal, o comunismo, o cristianismo e mesmo a maçonaria — repetindo os alvos de Mussolini —, Barroso se dedicava a adicionar o judaísmo a este caldo.

Salgado propõe uma estrutura parcialmente inspirada no corporativismo Fascista, ao afirmar que esta conciliação interclasses — e o conseqüente fortalecimento da nação — se daria pela participação de classes profissionais nos corpos legislativos. Como percebe Marilena Chaui (2014: 33) ao fazê-lo, Salgado está utilizando a noção de categoria profissional como se fosse sinônimo de classe social, esvaziando o conceito marxista e substituindo-o por “imagens facilmente reconhecidas na experiência cotidiana”. É mais importante, deste modo, a participação e divisão de acordo com setores industriais e comerciais no Legislativo, do que por regiões. Uma proposta que ecoa nas medidas de Mussolini sobre a transformação da Câmara baixa italiana em uma Câmara de corporações. Em sua teoria, esses setores passam a não competir entre si, mas a se auxiliarem mutuamente para o reforço do Estado integral e da nação. Em sua proposta de redistribuição do sistema brasileiro, defende que esses representantes de classes nas Câmaras elegeriam, por sua vez, o Executivo municipal e federal.

Talvez por se tratar de um país periférico, Salgado (1950: 08) demonstra uma preocupação bem maior do que Mussolini em relação ao cosmopolitismo e ao que identifica como contaminação estrangeira. Mussolini, em especial em sua doutrina e no início do ciclo imperial, demonstra forte vinculação imperialista. A Itália deveria assumir uma posição de liderança na “luta de nações”, disseminar o *Italianità* e impor, através de uma de suas imagens paradoxais, uma paz bélica. Por mais que Mussolini demonstre clara oposição ao cosmopolitismo, em Salgado esta ansiedade se torna mais visível. Em outras palavras, Mussolini procura afirmar o nacionalismo italiano “contaminando” outras nações, Salgado procura evitar que o Brasil sofra essa “contaminação”: “O cosmopolitismo, isto é, a influência estrangeira, é um mal de

---

<sup>5</sup> Olímpio Mourão Filho, que depois viria a ser um dos idealizadores do golpe militar de 1964, foi um dos líderes dos Integralistas — era dirigente da força paramilitar — a se opor à simbologia empregada por Salgado (Gonçalves; Neto, 2020: 17). Talvez seja possível pensar, em uma hipótese, que o vínculo militar de Mourão Filho o tenha feito rejeitar os símbolos espalhados em função da valorização da rígida estrutura disciplinar: “Plínio Salgado era categórico e dizia que acabar com a simbologia representaria o fim do Integralismo, pois identificava que era esse o elemento de motivação da população, vista por ele como ignorante e sem condição alguma de compreender a doutrina, mas que, no entanto, tinha orgulho em vestir a camisa verde” (Gonçalves; Neto, 2020: 17).

<sup>6</sup> Salgado tinha rompantes de antissemitismo, conforme a conveniência. Ainda que não seja uma constante em seus materiais, como o é nos de Barroso, vale citar sua publicação no jornal *A Offensiva*, em 11 de outubro de 1934, pouco depois da Batalha da Sé, em que culpava “o judaísmo organizado” pela confusão. Prossegue Salgado: “Fomos agora atacados, dentro de São Paulo, por uma horda de assassinos, manobrados por intelectuais covardes e judeus. Lituanos, polacos e russos, todos semitas, estão contra nós, empunhando armas assassinas contra brasileiros” (Salgado apud Doria, 2020). Sobre o mesmo caso, Barroso culpou uma “emboscada judaico-comunista na Praça da Sé” e declarou “guerra aos judeus” (Barroso apud Doria, 2020).

morte para o nosso nacionalismo. Combatê-lo é o nosso dever” (Salgado, 1950: 08). Um defende aplicar o imperialismo, outro defende lutar contra o imperialismo<sup>7</sup>.

Mas da mesma forma que Mussolini (2006), com o seu postulado de paz bélica, Salgado (1950: 08-09) reafirma que se colocar contra o cosmopolitismo não implica em atacar outras nações ou etnias. Pelo contrário, diz, pois a nação brasileira é formada justamente desta mistura entre povos distintos — incorrendo ao mito da integração étnica e racial: “Sem menções ao passado escravocrata, os Integralistas discursavam sobre a miscigenação em defesa do valor do trabalho negro na construção nacional” (Gonçalves; Neto, 2020: 23). Havia, inclusive, núcleos do Integralismo formados por militantes negros, com relação em parte simbiótica com a Frente Negra Brasileira (FNB)<sup>8</sup>. Enfim, como ele mesmo diz (Salgado, 1950: 08), tolera outras etnias e culturas desde que elas sejam essencialmente brasileiras. Não há problema, neste sentido, em uma ascendência alemã ou italiana, o problema é a afirmação e permanência desta identidade. Uma contaminação sobre a burguesia liberal e cosmopolita, que a torna um fantoche das grandes potências estrangeiras.

O discurso nacionalista periférico acabou por levar parte dos comunistas brasileiros a rejeitar que o Integralismo seria um equivalente do Fascismo. Isto porque, para eles, com base nos preceitos da III Internacional, não seria possível um fascismo fora dos grandes centros europeus, por ser um fenômeno de países imperialistas e do controle do grande capital (Fresu, 2017: 14). Mas mesmo os Integralistas eram ambíguos quanto à proximidade em relação ao Fascismo. Por mais que tenham se inspirado abertamente, e Salgado tenha feito diversas apologias ao longo de sua vida, também em mais de uma oportunidade os Integralistas afirmaram que não eram fascistas (Fresu, 2017: 14).

Para Salgado (1950: 09), sendo a democracia uma ferramenta das elites burguesas, ela estaria contaminada: “Tendo-nos dado o regime político inadequado, preferem, diante dos desastres da pátria, acusar o brasileiro de incapaz, em vez de confessar que o regime era incapaz”. E que o racismo em si seria uma importação dessas elites a partir das metrópoles. Daí decorre um aspecto curioso: apesar de se colocar, em certa medida, como crítico do que defende ser uma visão divisora da nação, também incorre a estereótipos raciais (e regionais) para justificar o seu pretensão antirracismo; isso sem falar no vínculo antissemita de Gustavo Barroso. No fim de contas, toda a nação deveria se unir, racialmente, regionalmente, etnicamente, para defender as “nossas tradições gloriosas” (Salgado, 1950: 09). Somente através da união, da nação integral, da soma de infinitas individualidades em um uno, o país pode fazer frente às pretensões imperialistas estrangeiras — em especial a Rússia que, de acordo com Salgado (1950: 09), planejava transformar o Brasil em capitania de influência comunista soviética.

Salgado (1950: 09) não hesita em lançar mão da paranoia do comunismo — que conta com oito menções. Contrariando as ideias de autores como Renzo de Felice (1976: 277-280), de que o medo da ameaça Bolchevista seria uma idiossincrasia da Europa do entreguerras que faria com que apenas movimentos europeus fossem fascistas, o Integralismo se dissemina precisamente, em amplo aspecto, graças à paranoia com a ameaça comunista, em especial após a Intentona Comunista de Luís Carlos Prestes em 1935. Como mostram Gonçalves e Neto (2020: 18-20), a imprensa — na época, sem qualquer pretensão de imparcialidade — desempenhou papel fundamental ao alimentar o imaginário anticomunista; o *Jornal do Brasil* chega a publicar “O comunismo infernal! Fogo nele!”. A religiosidade forte do Integralismo incentiva esse anticomunismo por alimentar a visão, para além do materialismo e internacionalismo, que o comunismo afastaria o homem de Deus.

---

<sup>7</sup> Incorrendo, neste ponto, em uma passagem curiosa em que Salgado (1950: 09) fala que é contra “o capitalismo soviético”, amalgamando anti-imperialismo com anticomunismo.

<sup>8</sup> Como contam Gonçalves e Neto (2020: 24), lideranças negras como João Cândido, líder da Revolta da Chibata, se filiaram à AIB. O racismo era tratado pelo movimento como uma manifestação ideológica típica da burguesia liberal e cosmopolita.

Se a nação e o nacionalismo ocupam os pontos dois e quatro do manifesto, é natural que o terceiro ponto se dedique a outro ponto essencial de qualquer fascismo: o autoritarismo. Por mais autoritário que seja um indivíduo ou um movimento, dificilmente ele se assume como tal. Mussolini emprega o oxímoro “democracia autoritária”, Salgado (1950: 08) não faz muito diferente. Ainda que não diga, com todas as letras, ser autoritário, é sintomático que “o princípio de autoridade” receba uma seção inteira para si. Pois, afirma, é preciso um líder forte — palavra que aparece em cinco oportunidades de acordo com a tabela do WordClouds —, uma autoridade, para evitar que a nação seja contaminada pelos bacilos que sempre a rondam.

Da mesma forma que com Mussolini — e com Bolsonaro, posteriormente —, o autoritarismo e o princípio disciplinar de uma autoridade forte são utilizados como método de defesa da nação. O autoritarismo é uma forma de protegê-la, portanto. O que é justificado pela paranoia conspiracionista. Como há inimigos invisíveis dispostos a destruí-la por dentro e por fora, é preciso que o líder atue com mão de ferro para protegê-la. Um discurso que não falha em se aproximar do de Mussolini, ao reciclar o imaginário masculinista e moralista do Messias fascista como um grande e autoritário pai, responsável por proteger sua filha de entidades que tentam desvirtuá-la.

Em outro aspecto de autoritarismo e, neste caso, de antipolítica, Salgado (1950: 09) rejeita se associar a outros partidos. Porque, em sua interpretação, todos os demais partidos estariam contaminados por essa influência materialista estrangeira. Igualmente, não estavam em consonância com a criação de um ideal “genuinamente brasileiro”, mas imersos em preocupações mesquinhas relativas a seus respectivos estados. A divisão por estados, em síntese, prejudica a unidade nacional por enfraquecer a ideia de soma, com sua distribuição de poderes entre governadores, prefeitos e partidos regionais. Apenas através do uno, seria possível “escapar do domínio estrangeiro [...] e salvar-se do comunismo internacionalista que está entrando no seu corpo, como um cancro” (Salgado, 1950: 09). No hipotético estado permanente de guerra é preciso a formação de um Estado único para defender a nação da incessante ameaça do internacionalismo/cosmopolitismo e materialismo comunista, burguês e liberal.

Salgado (1950: 10), na passagem a seguir, é explícito em seu viés autocrático, ameaçando diretamente as instituições políticas. Afirma que, caso a doutrina Integralista não seja empregada pelo poder público, caso o Governo Provisório<sup>9</sup> ignore as pautas da AIB, então o movimento irá, quando tiver poder e força suficiente, empregar uma ruptura institucional<sup>10</sup>. Para resumir, rejeita quaisquer princípios pautados no dissenso de uma democracia e busca impor, unilateralmente, sua vontade através da ameaça. Uma ameaça que fundamenta na necessidade de resgate da nação, já que, para ele, uma ruptura poderia vir a ser um mal necessário. Um argumento semelhante ao de Bolsonaro, quando este diz explicitamente que “Temos um presidente que não deseja nem provoca rupturas, mas tudo tem um limite em nossa vida” (Vargas; Garcia, 2021). Uma retórica da ameaça em que o emissor lava as mãos, colocando a responsabilidade sobre terceiros.

---

<sup>9</sup> À luz da História, se torna irônico o primeiro período Vargas ser rotulado de provisório, considerando a longevidade com que permaneceu no poder. Contudo, assim foi nomeado por se ter pretendido servir como espécie de pacificação e transição do poder, na tentativa de diluí-lo para além das oligarquias de Minas Gerais e São Paulo. Tanto mais, o processo de deposição do presidente, Washington Luis, partiu majoritariamente de uma revolta militar advinda do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais, que colocou o antigo Ministro da Fazenda do próprio Luis, Getúlio Vargas, no Executivo. Como diz Leandro Gonçalves (2013: 04), o processo foi rápido, com resistência desorganizada das oligarquias paulistas — que viriam a de fato se organizar dois anos depois, com a Revolução Constitucionalista de 1932.

<sup>10</sup> Ainda assim, o Integralismo elegeu apenas um parlamentar à Assembleia Nacional Constituinte de 1933; não como partido, mas como associação civil (Gonçalves; Neto, 2020: 19). Miguel Reale chegou a se candidatar, mas não foi eleito (Gonçalves; Neto, 2020: 25).

Daniel Aarão Reis (2020) apresenta uma análise do Bolsonarismo destacando-o como uma expressão local de movimentos autoritários globais, mas com características genuinamente brasileiras. Sua abordagem não apenas conecta o fenômeno a um contexto internacional, mas também identifica elementos específicos que o enraízam no cenário político e cultural do Brasil. Isso significa dizer que, para além de características e elementos conjunturais, há, também, uma profunda vinculação a uma tradição tipicamente autoritária brasileira. Essa característica, segundo Reis, transcende governos e regimes específicos, revelando-se como um traço estrutural da história política do país. Essa linha de pensamento sugere que o Brasil vive sob ciclos recorrentes de autoritarismo, que se manifestam em diferentes momentos históricos como expressões de um desprezo arraigado pelas normas institucionais. A base desse desprezo estaria no legado oligárquico e escravocrata que moldou a formação política e social do país, perpetuando relações de poder marcadas pela hierarquia, violência e exclusão. Assim, embora sejam movimentos distintos e particulares, é nítida a linha que conecta Integralismo e Bolsonarismo.

Dentre algumas das principais características de fascismos, vale destacar duas: o conspiracionismo paranoico e a inversão. Isto porque os fascistas não somente criam teorias da conspiração exageradas — uma dominação mundial judaica, uma vacina para controlar a mente —, mas as exageram de tal ponto em que a seita fascista, ela própria, se enxerga como vítima. Este ponto é essencial para entender o fascismo: pois na visão do fascismo, mesmo de um fascismo totalitário como o Nazismo, o perpetrador é a vítima e sua violência é legítima defesa. As conspirações variam, mas a sua estrutura narrativa permanece inalterada. Há sempre uma elite invisível — judaica, maçônica, comunista — controlando e corrompendo a nação a partir das sombras.

Sendo assim, há uma seção inteira do *Manifesto de outubro* dedicada às conspirações. Para além do clima de corrupção e messianismo que permeia todo o conteúdo, Salgado (1950: 10) dedica alguns parágrafos para tratar diretamente das conspirações, arrazoando que o Integralismo é inimigo de qualquer conspiração e, por este motivo, é transparente em suas motivações e objetivos. Um ponto que faz sentido, dado que seu raciocínio é transparente em seu manifesto: a nação está degenerada, capturada por forças corruptoras, o Integralismo é o único capaz de uni-la e retomá-la à grandeza, e fará isso à força caso seja necessário. Ou, como diz, “Quem se bate por princípios não precisa combinar coisa alguma nas trevas. Quem marcha em nome das ideias nítidas, definidas, não precisa de máscaras. A nossa pátria está miseravelmente lacerada de conspiratas” (Salgado, 1950: 10).

Como aparenta até este ponto, as proximidades discursivas de Salgado com Mussolini são muito maiores do que suas diferenças. Os campos semânticos são virtualmente idênticos, os argumentos idem. As mudanças, quando há, são sutis. Da mesma forma que o Fascismo, o Integralismo, ao menos no *Manifesto de outubro*, é um movimento da negação. Nega o liberalismo, nega o comunismo, nega a democracia. Suas ideias não possuem grandes inovações programáticas ou proposta de resolução de problemas sociais ou econômicos. A economia, por exemplo, mal é mencionada em seu manifesto. Tampouco questões sociais aparecem, quando muito tratadas superficialmente com soluções simplistas a partir da união da nação.

Por ironia, Salgado (1950: 10) aponta justamente o que identifica como vácuo programático sobre os políticos da época. Um vácuo que, junto com a conspiração, captura e desfibra “o caráter do povo brasileiro” e eleva o individualismo e o personalismo (Salgado, 1950: 10). Em suma, sintetiza uma crítica típica dos fascismos: de que o *establishment* político, em especial liberal, estaria demasiadamente preocupado com o materialismo e o individualismo para dar atenção ao que de fato importa, a nação: “Civis e militares giram em torno das pessoas, por falta de nitidez de programas. Todos os seus programas são os mesmos e esses homens estão separados por motivos de interesses pessoais e de grupos” (Salgado,

1950: 10)<sup>11</sup>. Na falta de uma unidade, de um bem maior para se lutar, os homens “tramam contra os outros (Salgado, 1950: 10). Daí decorre o maior perigo. Presos em suas realidades individuais, os homens se tornariam cegos para a grande ameaça: o comunismo. O materialismo individualista e liberal degenera a nação, a divide, acaba com o integral. O comunismo a destrói definitivamente (Salgado, 1950: 10).

Assim como o Fascismo, o Integralismo se afirma revolucionário (Salgado, 1950: 10). Mas, também como Mussolini, Salgado (1950: 11), ainda que antiliberal, certamente não é anticapitalista. O Integralismo, como ele próprio defende, não deseja subverter a estrutura social. Para ele, a propriedade privada é “fundamental para nós”, um direito inalienável de qualquer ser humano. Mas diz que o liberalismo atenta contra o direito à propriedade individual. Isto porque, no individualismo desenfreado, forma-se “desequilíbrios nocivos à estabilidade social” (Salgado, 1950: 11). Para tal, é preciso intervenção estatal. A economia não pode, segundo Salgado (1950: 11), ficar totalmente livre sob o risco de retorno ao estado de natureza. Um estado que, para ele, fomenta justamente o comunismo. E, com o comunismo, destroem-se instituições basilares da nação: a família<sup>12</sup> e a religião; em nome de uma visão futura da História com verniz científico que pode nunca se realizar (Salgado, 1950: 11). Não por coincidência “família” e “Deus” aparecem no lema do Integralismo, para além de ser um dos termos mais frequentes no *Manifesto*, com dez menções.

O Integralismo afirma oportunidades ao proletariado de ascender a partir de suas qualidades. Insistindo na conciliação interclasses, alega que, a despeito de cada classe ter sua contribuição fundamental à nação, aqueles que desejarem transitar entre elas, em uma nação integral, teriam disponibilidade para tal, de acordo com suas qualificações. Pois o Integralismo não se baseia na submissão, como no comunismo, ou na apatia, como na democracia liberal (Salgado, 1950: 11). Apela às paixões do proletariado, assim como Mussolini fazia em seus programas, ciente da necessidade de apoio desta parcela. Argumenta que, assim, somente em um Estado integral o operário será livre de fato, com sua relevância reconhecida e elevada, retirando “o operário e pequena burguesia da indiferença criminosa dos governos liberais. Salvá-los da escravidão do comunismo [...] Ao Estado, compete a proteção de todos” (Salgado, 1950: 11).

O Estado integral é essencialmente paternalista. Salgado (1950: 11-12) coloca tanta ênfase na instituição da família quanto na religião, ao ponto de receber uma seção inteira em seu manifesto. O Estado uno, integral, a soma de milhões de filhos, controlados por um pai autoritário: “define-se a Nação como uma reunião de famílias” (Chauí, 2014: 37). A família se torna o diferencial do homem sobre o animal. O afeto familiar e a amizade, a noção de irmandade, tão cara em estruturas militaristas, fornece grande valor para o nacionalismo de Salgado. Isto porque afasta os princípios individualistas e divisores, regionais e idiossincráticos. O Estado é, desta forma, a transposição da família para uma perspectiva ampla. Para isso, o primeiro deve ser suficientemente forte para resguardar a segunda, “Pois a família é que cria as virtudes que consolidam o Estado. O Estado mesmo é uma grande família, um conjunto de famílias. Com esse caráter é que ele tem autoridade para traçar rumos à nação” (Salgado, 1950: 11). Uma imagem que Salgado (1950: 11) lança mão, na tentativa de apelo emocional ao trazer figuras corruptores como “a desorganização e a ruína”. Figuras que ameaçam famílias, em seu argumento, e, por consequência, também a nação.

---

<sup>11</sup> Não é sem motivo, como aponta Trindade (1974: 130) que o Integralismo contava com entusiasta participação das Forças Armadas, tendo “núcleos Integralistas compostos exclusivamente por militares no Exército e sobretudo na Marinha, onde a maioria, senão Integralista, era ao menos simpatizante do Integralismo”.

<sup>12</sup> Plínio Salgado chega a afirmar que o trabalho feminino era um dos responsáveis, bem como a *efeminização* do homem, pela degeneração da família brasileira (Gonçalves; Neto, 2020: 31). Tal qual o nazifascismo, a mulher para o Integralismo assumia o papel reacionário de reprodutora e dona do lar.

O ponto derradeiro talvez seja o mais importante: a estrutura do Estado integral. Como reafirmou durante todo o manifesto, um Estado “livre de toda e qualquer princípio de divisão” (Salgado, 1950: 11). Uma união que pressupõe, contudo, a exclusão inclusive de partidos políticos. Ao menos no *Manifesto de outubro*, o Integralismo destila um autoritarismo mais explícito do que o Fascismo. Se Mussolini utiliza de voltas retóricas, Salgado (1950: 13) é mais aberto ao assumir que uma nação só será livre de fato sob um partido único, ou mesmo ao ameaçar uma ruptura caso o governo não incorpore suas demandas. Aliás, a imagem utilizada pelo Integralismo em si já destila um autoritarismo mais aberto. Se o Fascismo utiliza um símbolo que remete a força, união, volta ao passado e nação, o Integralismo é mais literal com o seu sigma. Mas ambos reforçam a ideia de que o indivíduo é irrelevante frente às entidades do Estado e da nação, sobre a qual o Messias deve ser intérprete (Eco, 2018: 55).

Salgado (1950: 13) tampouco esconde que pretende moldar os demais poderes à sua vontade. Na prática, tornando-os não mais do que ferramentas à unidade nacional, tomada como valor supremo. Todo o autoritarismo se justifica, desta forma, ante o argumento de resiliência nacional. Uma grandeza à qual, como grande uno, todos os demais setores, classes e poderes devem se sujeitar. À qual, como messiânico, tanatofílico e belicista, coloca o Integralismo como o único capaz de realizar tal exercício. Pois o Integralismo praticamente reedita o mito da “independência ou morte”, ao dizer que “conosco morrerá ou vencerá uma pátria” (Salgado, 1950: 14). Se bem-sucedido, o Brasil caminhará à grandeza, para ponto central na luta de nações. Se fracassar, o país morre com o movimento. Uma morte bela, melancólica, mas exaltada. Porque, no imaginário bélico e nacionalista de Salgado (1950: 14), a morte na luta é honorífica. Aliás, de acordo com Leandro Gonçalves e Odilon Neto (2020: 20), o Integralismo rejeitava a morte como fim da atividade humana. Como religioso, admitia a existência de um *post mortem* em seu sentido mais literal possível, dado que afirmava que o comandante do Integralismo no pós-morte era Deus em si. A morte física era louvada, desta forma, porque elevava o espírito em uma sensação de permanência e continuidade.

Sobre esse ponto, Umberto Eco (2018: 53) sugere que o fascismo promove um paradoxal “elitismo popular”. Isto é, dado o seu natural “desprezo pelos fracos” e a necessidade de construir um imaginário de homem forte, de nação prometida, o fascismo substituiu o elitismo natural classicista por um elitismo nacional em que a elite não está principalmente sobre uma classe, mas sobre uma nação. Toda a nação forma, assim, uma elite; e os indivíduos que nela nascem são os mais fortes, os melhores. Claro que o fascismo mantém uma estrutura hierárquica bem definida, próxima do militarismo, com o Messias e o partido ocupando o topo (Eco, 2018: 53). Pelo mesmo motivo, como aparece no final do manifesto de Salgado (1950: 14), o fascismo, em sua tanatofilia, recria o mito do herói. Em um cenário bélico em que a nação está tomada por forças corruptoras, a morte honorífica, a morte heroica, é sacralizada como razão de viver: “Em qualquer mitologia, o ‘herói’ é um ser excepcional, mas na ideologia Ur-Fascista o heroísmo é a norma. Este culto do heroísmo é estreitamente ligado ao culto da morte: não é por acaso que o mote dos falangistas era: ‘!Viva la muerte!’” (Eco, 2018: 54)

Por fim segue o quadro sintetizando as características do Integralismo identificadas sobre o *Manifesto de outubro*:

Tabela 1 - Características do *Manifesto de outubro*

<b><i>Manifesto de outubro</i> (1932). Primeiro ciclo: embrionário (1922-1932). Primeiro estágio: criação do movimento</b>	
<b>Conceito</b>	<b>Característica</b>

Anticomunismo	Conciliação interclasses Comunismo destrói a família tradicional
Antiliberalismo	Rejeição do individualismo Materialismo como câncer da nação
Autoritarismo	Valorização do princípio de autoridade Messianismo e personalismo Imaginário bélico Ameaça de uma ruptura institucional Partido único Tanatofilia A soma de diversas individualidades na criação do uno Unificação sob um mesmo corpo a responder pela vontade do líder Inimigos objetivos
Corporativismo	Participação das classes sociais nas Câmaras
Fundamentalismo cristão	Religião como essencial à nação
Intelectualismo (parcial)	Intelectual como elite responsável pela construção nacional
Liberalismo	Direito à propriedade privada
Nacionalismo	Nação como pilar das sociedades humanas Anticosmopolitismo
Racismo (parcial)	Ao mesmo tempo em que se posta contra o que chama de herança racial cosmopolita da burguesia, descreve e acentua estereótipos raciais
Reacionarismo	Nação degenerada Paranoia conspiracionista — inimigos da nação dispostos a destruí-la Antielitismo

Fonte: Elaborada pelo autor, baseada no *Manifesto de outubro*.

## Considerações finais

Talvez a maior diferença do Integralismo para o Fascismo se dê pelo fato de que o primeiro nunca desapareceu do espaço público. Por certo que reminiscências de seguidores de Mussolini permaneceram, mas houve um processo de desfascistização da política italiana — em que pese que se possa argumentar que foi malsucedido. Algo que nunca ocorreu no Brasil. Pelo contrário, o Integralismo passou a ser continuamente absorvido; primeiro pelo Estado Novo, seguido da Ditadura, e pelo Bolsonarismo. Ainda que tenha pedido força com o exílio de Salgado e permanecido como uma força secundária, esteve sempre ali, em consonância com princípios e valores reacionários da cultura política brasileira.

Um aspecto central que permeia o estudo das autocracias de massa no século XX é a transformação na forma como essas estruturas de poder se legitimaram, uma mudança que as diferencia significativamente de seus predecessores. João Fábio Bertonha (2008) destaca que o Fascismo italiano, por exemplo, foi amplamente desejado por setores significativos da população. Essa constatação subverte a visão tradicional de que regimes autoritários são impostos exclusivamente pela força, apresentando-os como

autocracias carismáticas, cuja base de sustentação repousa em parte na adesão voluntária de seus dominados.

O autoritarismo e o reacionarismo na política brasileira não surgem do vácuo, mas fazem parte de uma tradição que remonta ao início da república. O *Manifesto de outubro*, um dos materiais mais ricos do Integralismo, auxilia na compreensão dos elementos-chave desse fenômeno, e sua importância para equivalentes contemporâneos como o Bolsonarismo. Por mais que limitado pelo espaço de um artigo, a análise em profundidade deste material ilumina suas idiossincrasias, pontos que virão a ser retrabalhados ou abandonados por ciclos e estágios posteriores do movimento. Nada mais natural que o Integralismo se altere dentro de si, considerando os seus quase cem anos de História. Faz-se fundamental, portanto, entender essas mudanças, e essas características, para, por extensão, entender e trabalhar outros movimentos contemporâneos de extrema-direita. Pois, ainda que se discuta que o Bolsonarismo e outros sejam ou não movimentos fascistas, o fato é que não aparecem do nada, mas, sim, absorvem grande parte de movimentos que os antecederam.

As diferenças entre o Fascismo, o Integralismo e o Bolsonarismo são inegáveis e, de certa forma, naturais, considerando os contextos históricos, culturais e políticos em que cada um desses movimentos surgiu. Cada um possui idiossincrasias que refletem as condições específicas de suas épocas, sendo moldados por desafios sociais, econômicos e culturais próprios. Apesar disso, é possível estabelecer paralelos conceituais e estruturais que os aproximam, sem desconsiderar suas peculiaridades. Assim como diferentes modelos de democracia apresentam variações substanciais, mas permanecem unidas sob o mesmo conceito básico, também é viável compreender os três movimentos como expressões adaptadas de uma mesma matriz ideológica autoritária.

## Referências

- Barroso, G. (1937). *Judaísmo, maçonaria e comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Barroso, G. (1936). *Os protocolos dos sábios de Sião*. São Paulo: Agência Minerva.
- Bertonha, J. F. (2008). Coerção, consenso e resistência num Estado autoritário. *Diálogos*, v. 12, núm. 1, p. 141-163.
- Bertonha, J. F. (2017). *Fascismo e antifascismo italianos: ensaios*. Caxias do Sul: Educs.
- Chaui, M. (2014). *Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Cidade de São Paulo. Inventário de Obras de Arte em Logradouros Públicos da Cidade de São Paulo. *Prefeitura de São Paulo*.
- Doria, P. (2020). *Fascismo à brasileira - como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o bolsonarismo*. São Paulo: Planeta.
- Eco, U. (2021). *O Fascismo eterno*. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- Felice, R. de. (1976). *Explicar o Fascismo*. Lisboa: Edições 70.
- Fresu, G. (2017). *Nas trincheiras do Ocidente: lições sobre Fascismo e antifascismo*. Ponta Grossa: Ed. UEPG.
- Gonçalves, L. P. “Plínio Salazar?” o integralismo luso-brasileiro de Plínio Salgado. *Anpuh*. [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364689605\\_ARQUIVO\\_PlinioSalazarointegralismoluso-brasileirodePlinioSalgadoANPUH.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364689605_ARQUIVO_PlinioSalazarointegralismoluso-brasileirodePlinioSalgadoANPUH.pdf)
- Gonçalves, L. P.; Neto, O. C. (2020). *O Fascismo em camisas verdes: do Integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Mussolini, B. (2006). *My autobiography: with “The political and social doctrine of Fascism”*. New York: Dover Publications.

- REIS, D. A. (2020). Notas para a compreensão do Bolsonarismo. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 46, n. 1.
- Riemen, R. (2020). Fascism is once more at our doors, and we still refuse to see and treat it by its name: an interview with Cultural Philosopher Rob Riemen. *Revista Cantareira*, núm. 33.
- Salgado, P. (s.d.). *O Integralismo na vida brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira.
- Salgado, P. (1950). *O Integralismo perante a nação*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira.
- Salgado, P. (1933). *O que é o Integralismo*. São Paulo: Américas.
- Trindade, H. (1974). *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- Vermes, T. (2014). *Ele está de volta*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca.